

TÂNIA KONVALINA-SIMAS

# *PROFILING CRIMINAL*

Introdução à Análise Comportamental  
no Contexto Investigativo



2012

*Título:* **PROFILING CRIMINAL**

Introdução à Análise Comportamental no Contexto Investigativo

Outubro de 2012

*Autor:* Tânia Konvalina-Simas

*Editor:* Letras e Conceitos, Lda.

email: geral.letraseconceitos@gmail.com

*Imagem da capa:* © Andrea Danti - Fotolia.com

*Paginação:* José Soares Pinto

ISBN: 978-989-8305-44-2

“It is a capital mistake to theorize before one has data.  
Insensibly one begins to twist facts to suit theories, instead  
of theories to suit facts.”

Sir Arthur Conan Doyle, *Sherlock Holmes*



## ÍNDICE

<b>Prefácio</b> .....	11
<b>Nota Introdutória</b> .....	15
<b>Capítulo 1. <i>Profiling</i> Criminal: Análise Comportamental no Contexto Investigativo</b>	
Introdução.....	19
1.1. Pressupostos da Técnica de <i>Profiling</i> .....	22
1.1.1. <i>Profiling</i> Idiográfico (dedutivo) vs <i>Profiling</i> Nomotético (indutivo).....	25
1.2. Abordagens Actuais no <i>Profiling</i> Criminal.....	26
A – Metodologia Indutiva ou Nomotética.....	26
1. Análise da Investigação Criminal ou Análise da Cena do Crime .....	26
2. Avaliação Diagnóstica .....	27
3. Psicologia Investigativa .....	27
4. <i>Profiling</i> Geográfico.....	27
B – Metodologia Dedutiva ou Idiográfica .....	27
1. Análise de Pistas Comportamentais.....	27
1.3. Estudos de Avaliação do <i>Profiling</i> .....	28
Conclusão.....	31
Referências bibliográficas.....	31
<b>Capítulo 2. Introdução às Abordagens Actuais no <i>Profiling</i> Criminal</b>	
Introdução.....	33
2.1. Análise da Investigação Criminal: tipologia organizado/desorganizado .....	34
2.1.1. Etapas da Análise da Investigação Criminal.....	34
Ofensores do Tipo Organizado.....	37
Ofensores do Tipo Desorganizado.....	39
Etapas da Análise da Investigação Criminal.....	44
2.2. Avaliação Diagnóstica.....	46
2.3. Psicologia Investigativa.....	47
2.3.1. O Modelo dos Cinco Factores .....	50
2.4. <i>Profiling</i> Geográfico.....	54
2.4.1. A Trilogia do <i>Geoprofiling</i> .....	56
A. Teoria da Escolha Racional.....	56
B. Teoria das Actividades Rotineiras.....	57
C. Teoria dos Padrões Criminais.....	58
2.4.2. Princípios da Criminologia Ambiental Aplicados à Investigação Criminal .....	58

1. Princípio do Mínimo Esforço .....	58
2. Princípio da Distância .....	59
3. Princípio do Círculo .....	59
2.4.3. Aplicação do <i>Geoprofiling</i> .....	66
2.4.4. Software para <i>Geoprofiling</i> : RIGEL .....	68
2.5. Análise dos Vestígios Comportamentais.....	70
Exames forenses.....	72
Vitimologia.....	72
Análise do Crime.....	73
2.5.1. Os Dez Princípios da Análise de Vestígios Comportamentais .....	73
1. Princípio da Singularidade.....	73
2. Princípio da Separação.....	74
3. Princípio da Dinâmica Comportamental .....	74
4. Princípio da Motivação Comportamental.....	75
5. Princípio da Múltipla Determinação .....	75
6. Princípio das Dinâmicas Motivacionais .....	75
7. Princípio da Variação Comportamental .....	76
8. Princípio das Consequências Indesejadas.....	76
9. Princípio da Deterioração da memória.....	76
10. Princípio da Fiabilidade .....	77
Conclusão.....	78
Referências Bibliográficas.....	79
<b>Capítulo 3. Etiologia Biopsicossocial da Conduta Criminal</b>	
Introdução.....	83
3.1. Aspectos Bio-Antropológicos da Conduta Criminal.....	85
3.1.1. Factores Genéticos.....	85
3.1.2. Factores Neurobiológicos.....	90
3.1.3. Factores Bioquímicos e Farmacológicos.....	92
3.2. Aspectos Psicológicos da Conduta Criminal.....	93
3.2.1. Perspectivas Clássicas do Comportamento.....	96
Perspectiva Psicodinâmica do Comportamento .....	96
Perspectiva Behaviorista ou Comportamentalista.....	96
Perspectiva Humanista .....	97
Perspectiva Cognitivista.....	97
Perspectiva Evolucionista .....	99
Perspectiva Sociocultural .....	99
Perspectiva Biopsicossocial.....	100
3.2.2. Formação e Desenvolvimento da Personalidade.....	102
3.2.3. Algumas Variáveis da Personalidade Associadas e a Conduta Anti-social .....	110
Inteligência.....	111
Estilos de Pensamento .....	112
Hiperactividade/Impulsividade .....	115
Empatia.....	116
Agressividade.....	117
3.2.4. Teorias da Personalidade Criminosa .....	121
Teoria da Personalidade Criminosa de Pinatel (1963).....	124
Teoria da Personalidade Criminosa de LeBlanc (1991).....	125

3.2.5. Personalidades Patológicas.....	130
I. Transtornos da Personalidade.....	130
A. Transtorno Anti-social da Personalidade .....	131
B. Psicopatia .....	132
C. Transtorno da Personalidade Intermitente Explosivo .....	135
D. Transtorno da Personalidade Dependente.....	135
E. Transtorno da Personalidade Limitrofe .....	136
F. Transtorno da Personalidade Obsessivo-Compulsivo .....	136
G. Transtorno da Personalidade Dístimica .....	137
H. Transtorno da Personalidade Passivo-Agressivo .....	137
II. Transtornos Psicóticos .....	138
A. Esquizofrenia .....	138
B. Transtorno Delirante.....	139
C. Transtorno Bipolar.....	140
3.3. Aspectos Psicossociais da Conduta Criminal.....	142
Influência da Família no Desenvolvimento da Conduta Desviante .....	147
Funções da família.....	148
Mecanismos de Controlo Social Aprendidos na Família.....	150
Teoria do Vínculo Social .....	151
Teoria da Contenção.....	154
Conclusão.....	155
Referências Bibliográficas.....	157
<b>Capítulo 4. Análise do Local do Crime</b>	
Introdução.....	159
4.1. Análise do Local do Crime.....	160
4.2. Caracterização do Local do Crime .....	162
1. Local do Crime.....	165
2. Localização do Crime.....	165
3. Selecção da Vítima.....	166
4. Local de Contacto .....	167
5. Estilo de Aproximação .....	169
6. Método de Ataque .....	170
7. Força Utilizada.....	171
8. Meios de Controlo .....	171
9. Resistência da Vítima.....	172
10. Tipo e Sequência de Actos Sexuais .....	173
11. Preparativos e Planeamento.....	174
12. Contra-medidas Forenses.....	174
13. Objectos Recolhidos .....	175
14. Elementos Oportunistas .....	177
15. Corpo/Cadáver .....	178
16. Comportamento Verbal ou <i>Scripting</i> .....	178
17. Motivação .....	180
4.3. Análise Comparativa de Casos, <i>Modus Operandi</i> e Comportamento de Assi- natura .....	180
Conclusão.....	183
Referências Bibliográficas.....	183

<b>Capítulo 5. Motivação Criminal e o Perfil de Delinquentes Violentos</b>	
Introdução.....	185
5.1. Motivação Humana .....	186
5.2. Processos Motivacionais da Passagem ao Acto .....	191
5.3. Análise Motivacional Longitudinal: Modelo de Ressler e Burgess (1992).....	201
1. Ambiente social.....	201
2. Experiências desenvolvimentais e formativas na infância e Adolescência...	202
3. Respostas padronizadas .....	204
4. Comportamentos com outros/si próprio.....	206
5. Filtragem das Consequências .....	206
5.4. Análise Motivacional do Comportamento na Cena do Crime: Tipologia Comportamental-Motivacional de Groth (1979).....	209
1. Poder – Confirmação.....	211
2. Poder – Assertivo.....	212
3. Raiva – Retaliação.....	215
4. Raiva – Excitação .....	217
5. Oportunista .....	219
5.5. Determinação da Motivação na Investigação Criminal .....	221
Conclusão... ..	224
Referências Bibliográficas.....	226
<b>Capítulo 6. Vitimologia Forense</b>	
Introdução .....	227
6.1. Objectivos da Vitimologia Forense.....	228
6.2. Análise Vitimológica.....	229
6.2.1. Avaliação do Risco .....	231
6.3. Orientação Gerais para a Vitimologia Forense .....	236
6.3.1. As últimas 24 horas .....	239
Conclusão... ..	240
Referências Bibliográficas.....	240
<b>Capítulo 7. Crime em Série</b>	
Introdução.....	243
7.1. Crime em Série e Ofensores em Série.....	244
7.2. Mecanismos Psicológicos do Crime em Série .....	255
A. Psicopatia.....	255
B. Sadismo .....	257
C. Tendências Parafílicas .....	258
D. Tendência para a fantasia e para a dissociação .....	260
E. Narcisismo .....	263
F. Compulsividade .....	264
7.3. Alguns Tipos de Ofensores em Série.....	265
Homicidas em Série.....	265
Agressores Sexuais em Série .....	270
Incendiários em série .....	272
Conclusão... ..	277
Referências Bibliográficas.....	278



## PREFÁCIO

### **Professional Obligations of the Criminal Profiler**

*By Brent Turvey*

Despite the dedicated work of some, criminal profiling continues to suffer most from the efforts of those who understand it least. In capable hands, it is a valuable tool for not only investigating crime, but also for understanding how and why it was committed. It can break any offense or series of related offenses down into digestible modules: the victim, the crime scene, the evidence, and the offender. The lessons learned from subsequent analysis can have equal utility from the classroom to the courtroom, educating criminologists, investigators, agents of the court, and jurors alike. The dangers come, and errors are made, when any profiling technique is used by the biased, the improperly educated, or simply without humility for inherent limitations. It fair to say that these circumstances are often found in collaboration.

There are a number of profiling techniques used by researchers, investigators, and forensic examiners all over the world. However, it would be a mistake to conflate any of them, as they are each quite different with respect to their assumptions, requirements, and utility. Some are easy to understand and require no education or training to understand and apply; others are complex, and should not be attempted, let alone applied, without sufficient examiner education, training, and experience. Some are intended for research purposes; others have been developed purely for investigative purposes; and few should be

offered as evidence in court without careful disclaimers from those who understand the scientific limits. It is the first duty of any criminal profiler to understand these variable methods, their limits, and how that relates to utility – some of which is explained in this work.

Upon the development of a broad understanding of the varied criminal profiling techniques found in the literature, the ethical practitioner has a further professional obligation to use only those methods with demonstrable efficacy. That is to say, they must employ only those methods known to produce valid, reliable, and useful results. If a particular methodology has been shown to lack reliability, to promote bias, or to lend itself to abuse, then there exists the duty to make note and dispose of it. Unfortunately, many in the community are taught only a particular method, developing an emotional attachment to both it and their instructors. Moreover, many have been taught by those who themselves have only a limited grasp of what are actually multivariate psychological and behavioral constructs. This has created many uninformed, dogmatic and myopic students of profiling. Competent criminal profiling requires comprehensive understanding and adherence to competent technique – not blind acceptance and loyalty to the profiling ideologies of a particular instructor or agency. Competence, it must be remembered, invites inquiry and requires criticism.

Having developed a comprehensive understanding of criminal profiling techniques, and further agreeing to use only those with demonstrable efficacy, the criminal profiler has an obligation to be honest with others regarding these choices. It is not enough to refrain from using flawed methodology; the ethical professional has a responsibility to make clear and delineate flawed methodology when it is practiced by others. In this way, the criminal profiler acknowledges and serves a duty to the profession and to those who would employ its services.

Whichever method is being used, the criminal profiler also has a corresponding obligation to understand the knowledge, skills, and abilities required by that methodology. Certainly those who employ the profiler, and any other end users in the criminal justice system may

leap to the assumption that this is case. In other words, behavioral analysis requires education and training in the behavioral sciences; crime reconstruction requires education and training in physical evidence and the forensic sciences; and statistical analysis requires an understanding of the proper rendering and application of probabilities and statistics. For example, it's a surprise for most to learn how many profilers are engaged in the profession and claiming expertise without actually having any formal education at all, let alone a behavioral science background of some kind. Their opinions and advice tend to reflect this ignorance, though their agency affiliations can make it difficult for some to bring attention to it. In any event, using a profiling method without understanding its needs and subsequently developing related formal education and training is not just dangerous, it is inevitably malpractice.

The purpose of this text is to help in this regard: to provide students with a broad understanding of the techniques that are currently in use, and to help any of the concerned professional communities in their evaluation of the fitness of those techniques. Ultimately, the goal is to move criminal profiling towards more professional and scientific practice, and that can only happen when those methods lacking soundness and utility are identified and managed appropriately. It is my greatest hope that those reading this work will be mindful of these professional obligations, and that they will tend to them always in their casework.



## NOTA INTRODUTÓRIA

O Homem congrega elementos biológicos, psicológicos e sociais do meio que o rodeia: tudo está interligado como um sistema. A aprendizagem social das normas e valores sociais influenciam o comportamento do Homem na sua forma de estar e agir. A cultura e o espaço físico influenciam todos os indivíduos, sobretudo aqueles que se encontram em contextos diferentes. Os elementos biológicos, os traços físicos e a hereditariedade tornam o Homem um ser individual com particularidades muito próprias, enquanto o meio envolvente e a cultura, cognitivamente mediados, influenciam o desenvolvimento de todo um modo de viver.

No estudo do crime ou do sujeito criminoso, numa abordagem de *Profiling*, devem ser considerados os seguintes aspectos:

- ✓ A personalidade do actor
- ✓ O significado do acto
- ✓ O contexto do acto

O crime e a conduta desviante só podem ser entendidos numa esfera multidimensional porque só dessa forma é possível integrar a complexidade da natureza humana, assim como os factores que condicionam e/ou motivam o Homem.

Uma **abordagem multifactorial** na investigação da conduta criminal realça os elementos biológicos, psicológicos e sociais separadamente, como também faz a articulação/integração entre eles permitindo um entendimento mais profundo do comportamento criminal.

Qualquer análise comportamental que não comporte este tipo de abordagem terá sérias lacunas porque o Homem não existe num vácuo. Desde que nascemos emaranhamo-nos num conjunto de variáveis que não param de actuar/interagir/influenciar a nossa existência até ao momento da nossa morte. Isto é verdade para todos nós, criminosos, vítimas ou meros observadores e analistas.

O *Profiling* Criminal ou a análise comportamental em contexto investigativo procura interpretar todas as pistas comportamentais relacionadas com uma ocorrência, quer sejam de cariz social, biológico ou psicológico. A triangulação destas características é que vai permitir a construção de um perfil aproximado do ofensor e fornecer pistas para direccionar a investigação criminal. Outras aplicações desta técnica de análise comportamental podem incluir desenvolver estratégias de entrevista de suspeitos e de testemunhas, estratégias para casos de sequestro, estratégias de negociação no caso de reféns e, no contexto da pesquisa criminológica, indicar tendências, expor fenómenos e sugerir novos caminhos para a compreensão, prevenção e combate ao crime.

Com o presente manual temos por objectivo, em primeiro lugar, delinear a técnica do *Profiling* bem como esclarecer a sua utilidade e as suas limitações. Em segundo lugar, pretendemos descrever as diferentes abordagens actuais, esclarecendo o leitor de que, porventura, algumas técnicas serão mais propícias do que outras em função do contexto do crime, mas também em função do objectivo que se pretende (identificar o ofensor, entrevistar suspeitos, entrevistar o ofensor, reorientar a investigação, negociação de reféns, estudo do crime, etc). Em terceiro lugar, examinamos vários contextos nos quais se podem aplicar alguns dos princípios do *Profiling*, tais como: a análise da cena do crime, vitimologia forense e análise motivacional. Por último, fazemos uma análise do crime em série que constitui, por excelência, o tipo de crime mais indicado para a aplicação da técnica de *profiling*. Esta análise encontra-se centrada na própria definição do que constitui «crime em série», «ofensor em série» e dos mecanismos psicológicos subjacentes. Através da descrição dos perfis psicossociais de

alguns tipos de ofensores em série procuramos exemplificar como alguns dos conceitos psicológicos utilizados em *profiling* se traduzem na prática.

Pretendemos que este livro permita uma compreensão global da pertinência e da utilidade do *Profiling* Criminal: *a)* quais as metodologias subjacentes; e, também, *b)* possíveis quadros de referência para a interpretação de dados e (re) orientação da investigação criminal; *c)* para a elaboração de relatórios criminais; e *d)* para a consultadoria junto de profissionais como agentes da polícia, procuradores do Ministério Público e, até mesmo, advogados.

A intenção deste manual não é formar *profilers* ou analistas comportamentais, mas antes informar estudantes e profissionais de Criminologia e de outras áreas forenses, bem como profissionais das agências de policiamento acerca da técnica de *Profiling* numa óptica de informação e consciencialização do potencial desta abordagem à investigação e estudo do crime. Teremos concretizado a nossa missão se o leitor adquirir novas competências de observação da conduta humana, integrar alguns conceitos chave da psicologia e da análise comportamental e desenvolver a capacidade para pensar de forma analítica mediante um contexto de investigação criminal valendo-se dos pressupostos fundamentais do *Profiling* Criminal.





## CAPÍTULO 1

### ***Profiling* Criminal: Análise Comportamental no Contexto Investigativo**

**Palavras-chave:** *Profiling* criminal, perfil psicossocial, técnica de *profiling*, raciocínio dedutivo, raciocínio indutivo, métodos de *profiling* idiográficos, métodos de *profiling* nomotéticos, análise da investigação criminal, avaliação diagnóstica, *profiling* geográfico, psicologia investigativa, avaliação do *Profiling*.

## INTRODUÇÃO

Há muito tempo que as autoridades policiais tentam compreender o comportamento criminal com o intuito de discernir padrões comportamentais que possam fornecer importantes pistas para a resolução de investigações.

Existem inúmeras tentativas para compreender por que é que certos crimes parecem ter um padrão discernível e por que é que certos indivíduos praticam determinados crimes. No entanto, estas reflexões estão condicionadas pela falta de rigor científico na procura de respostas.

Em alguns casos, os psicólogos têm podido ajudar as autoridades policiais, sugerindo algum sentido para padrões criminais que emergem a partir da análise da informação reunida pelos investigadores, e aconselhando-os acerca do significado que as acções de deter-

minados criminosos possam ter em termos da sua história pessoal e personalidade. É justamente nesta última situação que se encaixa o *Profiling* Criminal.

A técnica de *Profiling* Criminal tenta fazer previsões acerca das características mais prováveis do ofensor(a), mas a construção de um perfil é apenas uma parte da ajuda que os psicólogos podem oferecer a uma investigação.

A utilidade do *Profiling* está circunscrita a crimes específicos e mais graves como é o caso da violação e do homicídio. Na generalidade dos tipos de crimes de gravidade intermédia, como roubos, o *profiling* não tem grande utilidade. O *Profiling* pode igualmente ser muito útil para orientar interrogatórios realizados por agentes policiais, assim como em casos de negociação de reféns.

O *Profiling* tem sido alvo de muita atenção por parte da comunicação social, através de séries de TV, filmes e livros policiais, mas, na maior parte das vezes, estes meios transmitem uma ideia algo errada desta técnica investigativa.

Muitas das vezes, o *Profiling* é apresentado como uma ciência exacta, infalível e fortemente baseada em verificação empírica, o que não é de todo o caso.

Um dos grandes debates da actualidade no campo da investigação criminal é o da validade científica dos perfis psicológicos, isto é, se se pode considerar o *Profiling* como o produto de um método científico rigoroso e bem fundamentado, ou se, na melhor das hipóteses, será apenas uma dedução baseada em senso comum, «instintos» e alguma experiência profissional.

O campo do *Profiling* ainda está minado pelo debate científico, o que influencia o ensino desta técnica como método investigativo e impede uma avaliação concisa dos seus resultados. Um dos problemas é que é muito difícil estabelecer com que frequência e em que profundidade é que os perfis estão correctos. (Jackson e Bekerian, 1997)

Ainda não existe, neste momento, nenhum estudo científico que permita medir a eficácia do *Profiling*, nem que leve à definição de taxonomias ou de tipologias empiricamente fundamentadas (funcional e culturalmente estandardizadas), que permitam validar o *Profiling* Criminal enquanto técnica investigativa.

Copson e Marshall (1999) sugeriram que os perfis psicológicos são tão idiossincráticos que não podem ser separados dos seus autores, pelo que tentar criar tipologias e pressupostos fiáveis pode revelar-se um grave erro, com grandes consequências para as autoridades nas suas investigações.

Embora alguns casos muito mediáticos tenham sido concluídos em parte devido à ajuda do *Profiling* (por exemplo, *vide* o caso do ‘Railway Rapist’ no Reino Unido), é importante referir que esta não é uma técnica infalível, o que faz com que não seja completamente fiável e, em alguns, casos, pode mesmo prejudicar uma investigação.

Existem muitas obras publicadas por *profilers*, mas, lamentavelmente, tendem a ser escritas de uma forma sensacionalista e um tanto estilizada, e sugerem que a resolução do caso se deveu principalmente à perícia e intuição pessoal do *profiler*.

Deste modo, qualquer criminalista que se proponha a adquirir informação concreta acerca das competências necessárias para ser um *profiler*, poderá sentir-se um tanto ou quanto confuso ou até defraudado.

A realidade é que o *Profiling* Criminal, por si só, ainda não atingiu o estatuto de profissão e infelizmente ainda não surgiu uma organização reguladora e profissionalizante para *profilers*. A exceção sendo a *International Academy of Forensic Criminologists*<sup>1</sup> (extinta *Academy of Behavioral Profiling*) fundada por Brent Turvey e que pretende justamente iniciar uma base de conhecimento sólida através da produção de uma revista bianual (*Journal of Behavioral Profiling*), cujos contribui-

---

<sup>1</sup> Vide [www.profiling.org](http://www.profiling.org)

dores são profissionais das várias áreas ligadas ao *Profiling* e que se encontram filiados à Academia com base no seu percurso e experiência profissionais. A maior parte das pessoas que se auto-intitulam *profilers* provêm de áreas tão diversas como Psicologia Clínica e Forense, Antropologia Forense, Criminologia, Ciências Policiais, Psiquiatria, Psicoterapia, etc.

### 1.1. Pressupostos da Técnica de *Profiling* Criminal

Existem seis pressupostos fundamentais na técnica de *Profiling* Criminal e que regulam os parâmetros dentro dos quais a mesma se pode aplicar e desenvolver:

1. O *Profiling* diz respeito ao **processo pelo qual se tenta estabelecer o perfil psicossocial de um agressor** (ainda desconhecido pelas autoridades) a partir do estudo de toda a informação disponível acerca do(s) seu(s) crime(s), tal como: o estudo da cena do(s) crime(s), da vitimologia e das perícias forenses.
2. No cerne da técnica do *Profiling* está a **crença de que se podem deduzir as características de um agressor a partir das características dos seus actos**.
3. O *Profiling* é mais utilizado em **crimes nos quais a polícia tem poucas pistas** e não sabe que tipo de suspeito deve procurar.
4. A tendência na técnica de análise comportamental é para haver uma **junção do raciocínio indutivo e do raciocínio dedutivo** sobre a informação reunida.

Pode dizer-se que o *Profiling* utiliza um método de análise **indutivo-dedutivo**, isto é, baseia-se em raciocínios que partem de factos observados em situações específicas e em número restrito, para leis gerais, e, seguidamente, procura encontrar um significado para essas inferências.

O **raciocínio dedutivo** implica chegar a conclusões que naturalmente se seguem a determinados pressupostos: se estes pressupostos estiverem correctos então as conclusões também estarão. Os métodos dedutivos tendem a cingir-se à informação disponível no caso em mão. Quando analisamos a informação disponível numa investigação, é fundamental fazer a distinção entre presunções, factos, opiniões e previsões.

- A. **Métodos de *profiling* indutivos** (nomotéticos) dizem respeito à aplicação de previsões, baseadas em informação de outros casos, a um caso específico.
- B. **Métodos de *profiling* dedutivos** (idiográficos) dizem respeito à análise dos padrões comportamentais identificáveis na(s) ocorrência(s) de uma investigação decorrente com o fim de formar teorias e opiniões acerca desse mesmo caso.

5. O *Profiling* Criminal tem sido utilizado especialmente na **investigação dos crimes de violação e de homicídio**, sobretudo quando estes crimes são cometidos em série. Ainsworth (2001) justifica esta «limitação» da seguinte forma:

a) Embora estes crimes sejam bastante raros tendem a ser considerados os mais horrendos e geram mais ansiedade na população em geral; na maior parte das vezes os ataques violentos são perpetrados entre pessoas que se conhecem de alguma forma, mas muitas pessoas vivem com medo de sofrer um ataque espontâneo por um estranho;

b) Os crimes deste tipo que envolvem ataques a desconhecidos são muito difíceis de resolver apenas com os métodos de investigação policial tradicionais; nos crimes de homicídio, por exemplo, a polícia não tem que considerar suspeitos para além da família e dos amigos porque, na maior parte das vezes, o crime foi cometido por alguém de dentro destes grupos de pessoas. No entanto, nos casos em que as suspeitas recaem sobre desconhecidos, a investigação torna-se bastante mais extensa;

c) Do ponto de vista psicológico, pensa-se que os crimes de homicídio e de violação (**crimes de contacto**) são os tipos de crime mais passíveis de serem fortemente caracterizados pela personalidade e pelas motivações dos ofensores.

6. Segundo Ressler e Shachtman (1992) devemos tentar **saber o máximo possível acerca da ocorrência, usar a nossa experiência para ponderar as possíveis motivações para o sucedido** e, por fim, a partir destes elementos, traçar um perfil do autor do crime.

Tipos de crimes em que a utilização da técnica de <i>Profiling</i> é mais apropriada e eficaz
Ofensas sexuais sádicas
Homicídio sexual
Casos de abuso e humilhação <i>post-mortem</i>
Fogo posto
Homicídios com mutilação
Violação
Crimes ritualistas e do oculto
Abuso sexual de menores, incluindo pedofilia
Assaltos
Comunicações anónimas obscenas

Figura 1. Holmes e Holmes (1996)

De acordo com Holmes e Holmes (1996), os objectivos concretos do *Profiling* Criminal, que visam sobretudo **informar e apoiar o sistema judicial**, são:

1. **Avaliação psicológica e social** do agressor (**perfil psicossocial**);
2. **Avaliação psicológica dos objectos encontrados** com os suspeitos agressores ou deixados por eles na cena do crime;
3. **Consultadoria com agentes e autoridades policiais** acerca das melhores estratégias de entrevista dos suspeitos e também em casos de negociação de reféns.

### 1.1.1. *Profiling* Idiográfico (dedutivo) vs *Profiling* Nomotético (indutivo)

Em termos do estudo do crime e dos ofensores (ou de outros fenómenos sociais e comportamentais), existem duas grandes perspectivas: a idiográfica e a nomotética. É fundamental fazer-se esta distinção para a investigação e subsequente construção da teoria do crime porque acarreta importantes implicações metodológicas.

A **perspectiva idiográfica** refere-se ao estudo do concreto, examinando indivíduos e as suas características actuais/reais. Este tipo de estudo debruça-se sobre casos específicos e sobre as características e comportamentos únicos e particulares dos indivíduos.

A **perspectiva nomotética** refere-se ao estudo do abstracto através da análise de grupos e de leis universais. O problema com este tipo de estudo é que produz muitas vezes generalizações que estão enviesadas pelas experiências e teorizações pessoais dos investigadores e, por isso, podem ser uma referência pouco fiável em termos de *profiling* individual. No entanto, os estudos nomotéticos são muito úteis quando se pretende definir um grupo como um todo, solucionar problemas de grupo ou como ponto de partida na teorização inicial de casos.

No seu livro *Criminal Profiling*, Turvey (2009) distingue, precisamente, estes dois tipos de *Profiling*: o ***profiling* nomotético** e o ***profiling* idiográfico**.

O **perfil idiográfico** é aquele que resulta da análise de um caso no qual são conhecidos factos concretos. Este tipo de estudo é útil para compreender as características, as dinâmicas e a relação entre uma cena do crime, a vítima e o ofensor.

Os perfis idiográficos são um conjunto de características que resultam da análise de um único caso. Pode dizer-se que um perfil idiográfico representa um ofensor que existe na realidade e que se baseia na análise de factos concretos, reais.

Os **perfis nomotéticos** resultam do estudo de grupos de ofensores, pelo que não se traduzem num indivíduo real, mas antes representam tendências e possibilidades teóricas.

Os *profilers* nomotéticos utilizam esta perspectiva para tentar definir tipologias e categorias no crime e nos ofensores, o que não deixa de ser uma contribuição fundamental para a investigação.

Turvey (2009) salienta que as abordagens actuais no *Profiling* assentam essencialmente em métodos nomotéticos (como é o caso das tipologias desenvolvidas pelo FBI) e que apenas a técnica da Análise de Provas Comportamentais tem por base um método idiográfico.

## 1.2. Abordagens Actuais no *Profiling* Criminal

Actualmente, no *Profiling* podemos distinguir cinco tipos de abordagens, que se dividem de acordo com a metodologia utilizada, nomotética ou idiográfica.

### A – Metodologia Indutiva ou Nomotética:

#### 1. Análise da Investigação Criminal ou Análise da Cena do Local do Crime<sup>2</sup>:

Neste tipo de *profiling*, um *profiler* procura pistas comportamentais na cena do crime ou, no caso de um homicídio, pistas contidas nos resultados da autópsia.

Nos casos em que a vítima sobrevive, é fundamental analisar o relato que esta faz das acções e palavras do seu atacante.

Este é o tipo de *profiling* que se encontra na base dos métodos propostos pela *Behavioral Science Unit* do FBI e também o tipo de *profiling* que é retratado pelos media.

---

<sup>2</sup> *Criminal Investigative Analysis* no contexto original.



## **2. Avaliação Diagnóstica<sup>3</sup>:**

Este tipo de *profiling* baseia-se sobretudo em diagnósticos clínicos acerca das motivações do ofensor propostas principalmente por psicólogos.

## **3. Psicologia Investigativa<sup>4</sup>:**

Esta abordagem foi desenvolvida pelo professor David Canter, da Universidade de Liverpool, e baseia-se sobretudo em psicologia ambiental. O trabalho de Canter caracteriza-se por uma abordagem mais científica do *Profiling* que tenta também compreender as causas do crime em geral.

## **4. Profiling Geográfico<sup>5</sup>:**

É um método nomotético utilizado para determinar a provável área geográfica da residência do ofensor, do seu local de trabalho ou outros pontos de interesse. Esta técnica foi desenvolvida por Kim Rossmo.

## **B – Metodologia Dedutiva ou Idiográfica:**

### **1. Análise de Pistas Comportamentais<sup>6</sup>:**

É um método de investigação criminal dedutivo que requer a análise e interpretação particulares das pistas físicas e características da cena do crime e da vitimologia. Pistas comportamentais podem ser pistas físicas, pistas documentais ou testemunhos que são determinantes para estabelecer «se», «como» e «quando» uma ação terá acontecido. Esta abordagem foi desenvolvida por Brent Turvey.

---

<sup>3</sup> *Diagnostic Evaluation* no contexto original.

<sup>4</sup> *Investigative Psychology* no contexto original.

<sup>5</sup> *Geographic Profiling* ou *Geoprofiling* no contexto original.

<sup>6</sup> *Behavioral Evidence Analysis* no contexto original.

### 1.3. Estudos de Avaliação do *Profiling*

Poucos estudos foram realizados com o objectivo de medir a eficácia do *profiling*, no entanto Turvey (2009) cita alguns procurando fazer um apanhado de alguns estudos de avaliação relevantes. Um estudo não publicado de Douglas, datado de 1981, examinou o valor do *profiling* para as forças policiais, em 192 casos examinados entre 1978 e 1981 (Copson, 1995), e constatou que todos os investigadores que recorreram aos serviços de *profiling* queriam que estes permanecessem disponíveis. De acordo com aqueles investigadores a técnica de *profiling*:

- Ajudara a reduzir o espectro da investigação em 77% dos casos em que o criminoso foi identificado;
- Resultara na prisão do criminoso em 15 casos;
- Poupara 594 dias de investigação.

Outro estudo realizado em 1992 por Paul Britton<sup>7</sup> concluiu que o *profiling* podia ser útil sob certas condições (Copson, 1995). Não obstante, Copson considerou que este estudo revelou que os perfis produzidos eram imprecisos e não levaram a detenções.

Goldblatt (*cit in* Palermo, 2004) estudou a eficácia da unidade de *profiling* psicológico fundada na Universidade de Surrey por David Canter<sup>8</sup>. O estudo de Goldblatt baseou-se em informação fornecida pelo próprio Canter e demonstrou que dos 57 perfis produzidos, 12 resultaram em detenções. A análise destes 12 casos indicou que, dos

---

<sup>7</sup> **Paul Britton** (1946- ) é um psicólogo criminal inglês. É também professor honorário na Universidade de Coventry onde lecciona Psicologia na Investigação Criminal, especializando-se na formação em técnicas de entrevista forense e análise de testemunhos. Actua também como consultor junto da polícia inglesa, estando associado à resolução de vários casos mediáticos.

<sup>8</sup> **David Canter** *vide* nota de rodapé 7 no capítulo 3.

114 elementos sugeridos pelos perfis, 72% estavam correctos, 19% estavam incorrectos, e 9% não puderam ser avaliados sem recurso a mais informação.

Em 1993, foi realizado um estudo pelo *Netherlands Institute for the Study of Criminality and Law Enforcement* (NISCALE) acerca da satisfação com o *profiling*. O estudo incidiu sobre apenas 20 casos e destes, só 6 poderiam ser considerados exemplos típicos de *profiling*. Os autores chegaram a duas conclusões:

- Os investigadores entrevistados afirmaram que estavam satisfeitos com a técnica de *profiling*;
- A maioria dos investigadores admitiu ter aprendido muito durante as suas discussões com o especialista em *profiling*, e afirmou também que novas ideias tinham surgido com aplicabilidade em investigações futuras.

Copson (1995) analisou 184 investigações em que o *profiling* tinha sido utilizado na Grã-Bretanha e verificou que:

- Os resultados indicam que o *profiling* foi usado não só para obter um perfil preditivo mas também para melhor compreender os comportamentos dos criminosos;
- O perfil criminal foi útil para resolver apenas 14.1% dos casos, e abriu novas avenidas de investigação em apenas 16.3%;
- Não obstante, 82.6% dos investigadores consideraram que o *profiling* avançou concretamente a investigação;
- O *profiling* foi considerado mais útil para avançar a compreensão do crime e do criminoso (60.9%) do que para identificar suspeitos (apenas 2.7%).

Pinizzotto e Finkel (1990; ver também Pinizzotto, 1984; *cit in* Kocsis, 2010) analisaram as diferenças intergrupo entre *profilers*, investigadores, psicólogos e estudantes, em que aplicaram uma abordagem perito/novato à avaliação do *profiling*:

- Em casos de agressão sexual, os *profilers* produziram relatórios mais detalhados e cuja validade era mais elevada do que a dos produzidos pelos restantes grupos;
- Não se observaram diferenças inter-grupo nos casos de homicídio;
- Os investigadores obtiveram resultados equívocos no que respeita à capacidade dos vários grupos para predizer as características de um suspeito.

Kocsis, Irwin, Hayes e Nunn (2000, *cit in* Kocsis, 2010) realizaram um estudo similar, comparando grupos de *profilers*, polícias, psicólogos, estudantes e médiuns (guias espirituais que tenham assistido em investigações, prática comum nos EUA e pontualmente no Reino Unido):

- Os *profilers* tiveram um desempenho ligeiramente melhor que os restantes na identificação dos processos cognitivos, características físicas e de estilo de vida, história social e comportamentos criminais do criminoso;
- Os psicólogos, por outro lado, tiveram mais sucesso na determinação de características de personalidade;
- Para determinar se os *profilers* tiveram um desempenho melhor que os restantes grupos, estes foram comparados com um grupo composto, integrando os restantes grupos. Os *profilers* obtiveram um número de predições correctas significativamente mais elevado do que o grupo de não-*profilers*.

Em suma, estes estudos demonstraram que o *profiling* é uma ferramenta de investigação que é apreciada pelos agentes policiais, não só pela sua capacidade para predizer as características do criminoso mas também devido às novas ideias que emergem durante o processo de *profiling* e pelo seu contributo para a compreensão do comportamento criminal.

## CONCLUSÃO

De uma forma geral, o *Profiling* deve ser encarado como mais uma técnica investigativa ao dispor do investigador para tentar identificar os ofensores.

Na verdade, encontra-se intrinsecamente ligada ao estudo da etiologia do comportamento delinquente. Dale (1997) sugere que a análise de padrões criminais, estudos de vitimação e o *profiling* psicológico são todos processos de estudo e compreensão do crime.

O *Profiling* Criminal ainda está numa fase embrionária em termos de método cientificamente válido e é preciso não esquecer que embora se possam encontrar algumas tipologias que são utilizadas pelos investigadores, isso não significa que todos os comportamentos criminais estejam explicados.

**Pelo contrário, o uso de tipologias pode, por vezes, induzir os investigadores em erro porque sugere que o comportamento, em geral, e o comportamento criminoso, em particular, são invariavelmente consistentes.**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSWORTH, P. (2001). *Offender Profiling and Crime Analysis*, Reino Unido: Wilan Publishing.
- COPSON, G. e MARSHALL, N. (1999). Mind over matter. *Police Review*, Junho, 16-17.
- DALE, A. (1997). Modelling Criminal Offences. *The Police Journal*, LXX (2), Abril, 104-116.
- GIROD, R. J. (2004). *Profiling the Criminal Mind*. EUA: iUniverse. Inc.
- HOLMES, R. M. e HOLMES, S. T. (1996). *Profiling Violent Crimes: An Investigative Tool*. 2.<sup>a</sup> Ed. California: Sage.
- JACKSON, J. L. e BEKERIAN, D. A. (Eds). (1997). *Offender Profiling: Theory, Research and Practice*. Chichester: Wiley.
- KOCSIS, R. N. (2010). *Criminal Profiling: principles and practice*. New Jersey: Humana Press.

- PALERMO, G. B. e KOCSIS, R. N. (2005). *Offender Profiling: An Introduction to the Sociopsychological Analysis of Violent Crime*. EUA: Charles C. Thomas Publisher LTD.
- RESSLER, R. K. e SHACHTMAN, T. (1992). *Whoever Fights Monsters*. Nova Iorque: Pocket Books.
- TURVEY, B. (2009). *Criminal Profiling: an Introduction to Behavioral Science Analysis*. 3.<sup>a</sup> Ed. EUA: Elsevier.